

HISTÓRIAS, MICROPOLÍTICAS, CIÊNCIAS

Margaret Lopes^{1*}

Luciana Sepúlveda Köptcke^{2**}

“Ainda não nos achamos suficientemente inter”. Com ironia e franqueza Emerson Dionisio Gomes de Oliveira chamava atenção desde o primeiro editorial dessa publicação para os desafios que a Museologia contemporânea coloca. Esperando contribuir para as perspectivas que estão na base da Museologia & Interdisciplinaridade, esse dossiê, mais do que se preocupar com uma temática específica, privilegia contribuições diversificadas, diferentes olhares, leituras variadas, perspectivas de análises múltiplas - nem sempre coincidentes - sobre os processos e espaços museológicos e as ciências, que no nosso entender são todas humanas.

Os artigos apresentados nesse dossiê foram reunidos com o propósito de incentivar a ousadia para que as ciências museológicas ampliem suas fronteiras. Partilhem suas competências específicas com demais áreas disciplinares que cada vez mais nas últimas décadas têm inserido os museus, as práticas expositivas, os processos educacionais e comunicacionais museológicos em seus quadros conceituais como ressaltam diversos dos artigos desse dossiê.

E porque ‘as coisas não têm paz’, como argumenta Cristina Bruno (2013) os textos aqui reunidos discutem a necessidade de se estabelecerem novos olhares que contemplem as micropolíticas institucionais e as políticas públicas conformadoras de culturas, que desde os últimos séculos se tornaram tecno-científicas. Os artigos consideram a centralidade de objetos: falsificados, copiados, vivos ou industriais nos processos e metodologias que tornam diversos agentes atores igualmente fundamentais dos processos museológicos. Ainda discutem identidades e memórias na busca de caminhos renovadores para a Museologia.

Continua imprescindível - alerta Néstor García Canclini - conhecer e continuar discutindo as revisões de historiadores e museólogos. Mas lembra ainda, que a situação atual dos museus implica em outras disciplinas. Aos sociólogos e educadores os museus pedem que estudem seus públicos. Solicitam aos arquitetos que deixem suas marcas em edifícios e exposições. Nos especialistas em marketing e gestão depositam suas expectativas para ampliação de seus recursos. Como valorar lo que vienen aportando quienes provienen de fuera de la museología clásica? (García Canclini, 2010, p.132). Ainda que os estudos sejam locais ou nacionais, as perguntas que se colocam são internacionais. São perguntas intermédias, em um contexto em que a comunicação cultural cada vez mais ocorre nas redes e nuvens.

As temáticas relacionadas aos museus, políticas de ciências, saúde, técnicas, indústrias ganharam um lugar maior nesse dossiê. Impossível de ser ocupado sem que sejam consideradas as dimensões pedagógicas, históricas, das me-

^{1*} Professora convidada dos Programas de Pós-graduação de Política Científica e Tecnológica da Unicamp, de Ciência da Informação da UnB, Brasil e de História da Ciência/Museologia da Universidade de Évora, CEHFCi, Portugal.

^{2**} Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz de Brasília. Docente do PPGCINF –UNB. Fellow Scholar no Smtihsonian Institution.

dições, inclusões e falsificações que conformam partes expressivas das diversas perspectivas dos conhecimentos museológicos.

Com franqueza e sem ironia a História das ciências e tecnologias e as políticas orientaram a busca de contribuições para esse volume. Outros critérios: as mais variadas formações profissionais, pesquisadoras brasileiras e estrangeiras de diferentes lugares e áreas de conhecimento aparentemente díspares. Algumas especialistas, entre muitas outras e outros, mais próximas no Brasil e mais distantes no Chile, na Argentina e em Portugal, que puderam aceitar nosso convite e cujos trabalhos conhecemos, respeitamos e consideramos relevantes para serem divulgados. Reconhecemos com diversos autores interessados pela geografia das práticas científicas que em cada diferente sítio específico de conhecimento, práticas, discursos e objetos têm sido analisados sob diferentes quadros teóricos e diferentes tradições disciplinares têm sido construídas (Livingstone, 2003).

Temas complexos, a exemplo ‘das conseqüências para a cidadania da violência política de Estado’ emergem das avaliações da proposta da Memória dos Marginalizados desenvolvida no Museo de la Educación Gabriela Mistral de Santiago do Chile. Protagonizando a ação de ‘segmentos aos quais em algum momento da história do Chile lhes foi negado o direito à memória’, o artigo de María Isabel Orellana Rivera se insere em uma tradição museológica que se consolidou particularmente em diversos países latino-americanos, como na Colômbia, ‘em que a memória está atada ao mais espinhoso dos presentes’, como argumenta López Rosas (2010). María Isabel Orellana Rivera discorre sobre sua opção pela nova museologia crítica e participativa para ‘incorporar os relatos dos visitantes na produção do conhecimento que se gera no museu’. Ações que a auxiliam a abordar não tão novos temas, mas que possibilitam ‘otras miradas sobre nuestras colecciones y nuestra trama narrativa’.

Tais concepções e práticas talvez possam apresentar pontos de contato com aquelas das propostas que caminham no sentido dos ‘museus em transição’ para os ‘museus emergentes’ com que Marília Xavier Cury, interessada na idéia de transição e apoiada em ampla literatura museológica, revisita definições centrais da Museologia, em seu artigo Museologia e conhecimento, conhecimento museológico. O artigo avança em suas proposições de que o museu se faz nas relações comunicacionais e problematiza as pesquisas ações desenvolvidas em conjunto com comunidades indígenas no Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre, de Tupã no interior de São Paulo – que só por sua denominação nos propõe desafios históricos, educacionais, antropológicos, de cidadania e de relações de gênero.

Em defesa das memórias e identidades circunstanciais, Marília Cury se insurge contra a literatura tradicional que nos legou visões sobre os museus do século XIX apenas como sustentáculos de idéias de nações, há muito desmistificadas, embora continuem presentes em muitos discursos. Diversos estudos questionaram também essas visões dos emblemáticos museus nacionais como representação e construção de identidades, explicitados em uma frase brilhante de Luis Fernando Duarte reproduzida por Jaime Aranha (2010, p. 6): ‘comunidades imaginadas como dupla articulação de nação naturalizada e natureza nacionalizada’.

Como já reafirmou Irina Podgorny (2014), também em seu artigo Sobre la constitución de los objetos etnológicos en los inicios del Siglo XX: Museos, falsificaciones y ciencia não mais há lugar para o positivismo, o nacionalismo, a construção da nação, da periferia ou da identidade. Aqui também, a autora propõe ‘un modelo menos heroico, menos sufriente, menos glorioso, bastante más gris pero abundante en esas pequeñeces que rigen los debates más sublimes’.

Entre essas pequeñeces, objetos inusitados, temáticas pouco familiares às nossas reflexões sobre os museus de ciências, propostas expográficas, desafios

ainda atuais dos trabalhos de campo afluem do texto de Irina Podgorny. Para a autora as coleções dos museus se colocam como cruciais a luz de discussões atuais sobre a História das ciências e tecnologias. Objetos inusitados são os armários e os manuais sobre falsificações que proliferaram no início do século XX. Os manuais retroalimentando a circulação de objetos arqueológicos e etnográficos, no comércio, no turismo, nos laboratórios de criminalística nos museus europeus ou latino-americanos: ‘al señalar los caracteres indiciarios de una falsificación y los métodos para descubrirla, daban también la receta para mejorarla’, argumenta Irina Podgorny. A expografia de vitrines especiais de peças falsas organizadas nos museus atuava como poderosos testemunhos do engano e advertência aos incautos. As falsificações e/ou cópias e os critérios para defini-las nunca foram privilégio apenas dos museus de arte.

Incentivando a nos determos nos detalhes dessas abordagens teórico metodológicas, Dominique Poulot (2013) também sugere recolocar os objetos no centro dos significados e valores a se investigar nos museus. Mesmo se chegados ao azar, a conservação de quaisquer objetos reflete circunstâncias fortuitas a serem investigadas simetricamente a escolhas políticas mais ou menos planejadas de diferentes atores (Lopes, 2008). Tratá-los como fronteiros, como objetos que assumem diferentes significados em diferentes culturas privilegiando suas interações sociais ou historicizá-los pode significar como sugere Lorraine Daston em muitos de seus trabalhos, estratégias instigantes para o questionamento das visões que por longo tempo, por considerarem os objetos científicos como inexoráveis e universais como a própria natureza, narraram a história desses objetos – a história da ciência – também como inexorável e universal.

As novas abordagens da História das ciências desde meados dos anos de 1980 (Secord, 2004), fizeram os museus retornarem a cena de seus quadros conceituais. Muitos desses estudos inovadores como privilegiam, por exemplo, os textos do *Coleccionismos* de Margaret Lopes e Alda Heizer (2011) ou do *Museos al Detalle* de Irina Podgorny e Miruan Achin (2014), se apoiaram na literatura emergente sobre o colecionismo e circulação e formas de conhecimento onde a micro-história e a micropolítica institucional jogavam papéis fundamentais (Bennet, 1995).

Incorporando perspectivas trazidas pelo artigo de Irina Podgorny, o ‘museu emergente’ pode vir a se constituir, ‘enfaticamente determinado pelas transformações recentes e em vias de acontecer (esperamos) nas Ciências Sociais’, e se Marília Cury nos permite ampliar suas formulações, nas ciências e tecnologias como um todo. Há alguns anos Dominique Pestre - historiador das ciências também mencionado em outro texto por Maria Esther Valente em suas ‘Interseções necessárias: história, museologia e museus de ciências e tecnologia’ – destacava em uma análise das ciências na sociedade e da sociedade nas ciências que:

‘Os grandes sistemas do final do século XIX à maioria da tecno-ciência do século XX abrangem toda a química e a farmácia, a bio e eletro tecnologias, a análise de sistemas, os sistemas computacionais etc... Mudanças que transformaram o terreno científico. O sistema universitário e suas disciplinas bem estabelecidas perderam centralidade. Interdisciplinaridade, adaptação rápida e capital especulativo viraram atores principais nos negócios da ciência’ que se ampliaram para incorporar controversas novas ‘parcerias’ entre públicos, organizações sem fins lucrativos e iniciativas privadas (Pestre, 2007, p. 57 - 59).

Nesses novos sistemas a preocupação com a ordem característica do XIX, expressa nas coleções e arranjos de museus, há muito desapareceu, nos termos de Simon Knell (1999). Como afirma Esther Valente em sua análise sobre as contribuições da História das Ciências e Tecnologia para a reflexão sobre

os museus, ‘outros olhares sobre diferentes objetos de investigação jogam luz sobre o que parece invisível. Novos estudos conduzem à reconsideração dos projetos e práticas das instituições, inter-relacionando-os a circunstâncias políticas, econômicas e sociais, (pessoais, ocasionais, acrescentaríamos) que promovem mudanças relativas à suas funções, perfil e missão’. E citando Cristina Bruno, avança: o questionamento da complexidade dos museus de ciências pode levar a compreender melhor como as ciências se reposicionam no tempo em relação à economia, à cultura e aos espaços de produção intelectual e de difusão.

A ‘convivência de museus de diversos tempos na contemporaneidade’ outra contribuição de validade ‘atemporal’ de Cristina Bruno (1993) é de um valor inestimável para o entendimento de diversas concepções e propostas de micro e macro políticas museológicas e de ciências e tecnologias contemporâneas. Como argumentam Lorraine Daston e Peter Galison (2007) em suas análises sobre os ‘working objects’ das ciências, os modos com que os cientistas concebem e apresentam visualmente os objetos de suas pesquisas refletem suas concepções epistemológicas implícitas.

Em sua capacidade de transformar radicalmente um mundo que diluí suas fronteiras ‘naturais e humanas’, que a tecno-ciência industrial tem agora, torna-se fundamental nos familiarizarmos com trajetórias de museus de ciências, tecnologias e indústrias. O artigo de Ana Cardoso de Matos e Maria da Luz Sampaio Património Industrial e Museologia em Portugal vai muito além da avaliação do quadro português. Retomando amplo panorama histórico, o artigo problematiza uma reflexão sobre o processo de desindustrialização das cidades europeias e reconversão de áreas industriais em megaprojetos urbanísticos ou mais frequentemente ‘fazendo tábua rasa das identidades dos lugares’ como já sugeriu Alice Semedo e colaboradores (2003, p. 5). Mesmo ‘reféns das suas instalações e das próprias máquinas, reluzentes ou enferrujadas’ como destacam as autoras, tais espaços que exigem novos processos educativos, abrem inúmeras perspectivas para se considerar as mudanças de regulação relacionadas às tecnociências industriais, sobre as quais a participação e o controle de novos agentes não necessariamente especialistas passam a ser exigidos como justos e legítimos, normais e necessários (Pestre, p.63).

Explorando um outro tipo de historicidade de processos industriais, Susana García em suas Lecciones “objetivadas” y museos escolares en la Argentina del Centenario discute nos detalhes de diversos projetos de museus escolares e pedagógicos na Argentina das primeiras décadas do século XX como as ‘colecciones de los museos del sistema educativo testimoniaron el extraordinario desarrollo de la industria escolar durante ese período’. Em abordagem inserida nos estudos das Histórias das ciências, o artigo mobiliza nas diferentes propostas em análise, desde casas de materiais didáticos a ministros da Guerra, aficionados e professoras a deputados socialistas, circulando entre exposições de “muñecos” y figuras en cera, cópias de antiguidades e esqueletos fósseis. As Lecciones “objetivadas” problematizam a partir da análise da materialidade e dos questionamentos constantes das exposições, os ‘múltiplos modos de ver e interpretar de los visitantes’.

Enfrentando esse desafio de que fala Susana Garcia - ‘talvez os aspectos mais difíceis e controvertidos ao se analisar a história dos museus’ - os modos de ver também são discutidos a partir das teorias psico-pedagógicas da teoria histórico-cultural no artigo Mediação em Museus de Ciências. Alessandra Bizzerra e Martha Marandino em suas análises sobre a visita familiar do Museu Biológico do Instituto Butantan, suscitam discussões que vão além dos próprios

conceitos utilizados. Há um mundo invisibilizado, para utilizarmos a abordagem de Manuel Franco-Avellaneda (2013) em que apenas os estágios finais das 'cadeias de produção', são disponíveis para os públicos. No caso, etiquetas a serem re-criadas nas 'zonas de desenvolvimento proximal', ou os inúmeros processos tecno-científicos envolvidos nas não menos complexas e atualíssimas polêmicas sobre situações de conservação de organismos vivos em cativeiros.

Se a História, as políticas, as ciências e tecnologias estão presentes de uma forma ou de outra nos textos desse dossiê, emergiram com força no artigo de Luciana Sepúlveda Köptcke. O artigo Museus científicos e sua relação com a saúde, socializando as etapas de uma pesquisa em andamento, já analisa levantamentos exploratórios, que evidenciam o potencial das relações pouco trabalhadas ainda no Brasil das mais diversas práticas museológicas e da saúde em seu sentido mais pleno. O artigo ainda articula diversos dos atores centrais que hoje compõem o quadro complexo das relações das políticas públicas de cultura e saúde, envolvendo as diferentes políticas e práticas de instâncias de governos, gestores, especialistas de conhecimentos, públicos.

Mais do que tratar de saúde e museus científicos o artigo de Luciana Sepúlveda Köptcke alerta e propõe uma postura de entendimento inclusiva para as definições de museus em loci formuladores de políticas públicas. Abrangentes, 'as definições devem ser compreendidas não só como reflexos de projetos políticos ou como marcadores de mudanças no âmbito da gestão, mas como resultados de processos de disputa simbólica onde se enfrentam usos e expectativas sociais construídos historicamente'. Como lembram Irina Podgorny e Margaret Lopes (2013), há que se considerar que em todas as instituições, portanto nos museus também, as contingências dos acontecimentos mais do que as macropolíticas regem as políticas de poder das relações construídas nos contextos específicos das próprias instituições. A incorporação dos agentes humanos e não humanos e um conjunto de acontecimentos e circunstâncias que sustentam seus êxitos e fracassos constituem ainda desafios para as novas gerações pensarem histórias de museus, micro e macropolíticas, ciências e tecnologias.

Últimos comentários

Foram vários os nossos prazeres na organização desse dossiê. Receber a confiança de primeira hora dos editores incansáveis da Museologia e Interdisciplinaridade Emerson Dionisio Gomes de Oliveira e Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares. Partilhar sua elaboração entre nós duas, as organizadoras do dossiê. E mais, uma enorme satisfação renovada à chegada de cada novo artigo: constatar o quanto a literatura museológica internacional e nacional se ampliou enormemente nas últimas décadas. A diversidade de autores referenciados em cada artigo, que praticamente não se repetem, é uma pequena e parcial amostragem desse imenso volume de produção, que hoje caracteriza a interdisciplinaridade dos estudos museológicos, embora "ainda não nos achemos suficientemente inter".

Nossos agradecimentos a todas e todos que colaboraram para a concretização desse dossiê. Estamos certas de que o site da Museologia e Interdisciplinaridade continua aberto à colaboração das e dos colegas que não puderam enviar seus artigos em tempo.

Referências

- ARANHA FILHO, Jayme M. Guia da impermanência das exposições: uma investigação sobre transformações do Museu Nacional do Rio de Janeiro nos anos 1940. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia. IFCS/UFRJ. 2010.
- BENNETT, Tony (1995). *The Birth of the Museum: History, Theory, Politics*. London; New York: Routledge. 2005.
- BRUNO, M. Cristina O. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. 2013.
- BRUNO, M. Cristina O. Museologia e Museus: como implantar novas tendências. ICOFOM/LAM, ano III, nos. 6 e 7, abril, 1993.
- DASTON, Lorraine; GALISON, Peter *Objectivity*. New York: Zone Books. 2007.
- FRANCO-AVELLANEDA, Manuel. *Ensamblar museus de ciências e tecnologias: compreensões educativas a partir de três estudos de caso*. Tese de Doutorado em Educação Científica e Tecnológica - Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Los arquitectos y el espectáculo les hacen mal a los museos? In: CASTILLA, Américo (comp.) *El Museo en escena. Política y Cultura en América Latina*. Buenos Aires. Paidós. 2010: 131-144.
- KNELL, Simon J. *Museums and the Future of collecting*. Aldershot: Ashgate. 2004 (2nd ed.)
- LIVINGSTONE, David N. *Putting Science in its Place: Geographies of Scientific Knowledge*. Chicago: University of Chicago Press. 2003.
- LOPES, M. Margaret. Trajetórias museológicas, biografias de objetos, percursos metodológicos. In: ALMEIDA, Marta de; VERGARA, Moema de R.. (Orgs.). *Ciência, história e historiografia*. São Paulo; Rio de Janeiro: Via Lettera ; MAST, 2008: 305-318.
- LOPES, M. Margaret; HEIZER, Alda. L. (orgs.) *Coleccionismo, práticas de campo e representações*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- LÓPEZ ROSAS, William A. El museo en tiempos de conflicto: memoria y ciudadanía en Colombia In: CASTILLA, Américo (comp.) *El Museo en escena. Política y Cultura en América Latina*. Buenos Aires. Paidós. 2010: 208 - 222.
- PESTRE, Dominique. Não será preciso um novo regime de produção e regulação das ciências na sociedade de hoje? In: ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de (Org.) *Caminho para as estrelas: reflexões em um museu*. Rio de Janeiro: MAST. 2007: 56-71.
- PODGORNY, Irina; ACHIN, Miruna. *Museos al Detalle*. Rosario: Prohistoria Ediciones. 2014.
- PODGORNY, Irina. Palabras Preliminares para la primera reimpression argentina. In: PODGORNY, Irina; LOPES, M. Margaret (orgs.). *El desierto en una vitrina. Museos e historia natural en la Argentina, 1810-1890*. Rosario: Prohistoria Ediciones. 2014.
- PODGORNY, Irina; LOPES, M. Margaret. Trayectorias y desafíos de la historiografía de los museos de historia natural en América Del Sur. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.21. n.1. jan.- jun. 2013: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v21n1/a03v21n1.pdf>
- POULOT, Dominique. Another history of museums: from the discourse to

the museum-piece. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.21. n.1. jan.-jun. 2013: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142013000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=en

SECORD, James A. *Knowledge in Transit*. *Isis*, v. 95, n.4, 2004: 654-72.

SEMEDO, Alice et al. Introdução In: SAMPAIO, M. da Luz (coord.) *Actas do Colóquio de Museologia Industrial: Reconversão e Musealização de Espaços Industriais*. Porto: Litogaia. 2003.